



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 22, v. 1
jul.-ago.2025
p. 211-229

As mulheres e a filosofia na Universidade de São Paulo: um levantamento quantitativo

(Women and philosophy at the University of São Paulo: a quantitative research)

(Mujeres y filosofía en la Universidad de São Paulo: una investigación cuantitativa)

Luiza Garcia Lúcio¹

Keli de Assumpção²

Ana Paula Belchior³

Nícollas Alessander Rocha⁴

RESUMO: Este artigo parte de estudos sobre desigualdade de gênero nos cursos de Filosofia e busca contribuir para este debate, apresentando um estudo de caso do curso de graduação do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (DF/FFLCH/USP). Com isso em vista, a análise parte da presença de mulheres no ensino superior brasileiro, passa pelos cursos de Filosofia no país, e, então, apresenta dados sobre a presença de homens e mulheres nos cursos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Os objetivos centrais são evidenciar a dupla exceção do caso da Filosofia – ela não se encaixa nos casos dos cursos de humanidades nem nos casos de curso em que mulheres são minoria – e a importância de estudos de caso para compreender o fenômeno da desigualdade de gênero na Filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Mulheres; Mulheres na Filosofia; Universidade de São Paulo.

Abstract: This article draws on studies on gender inequality in Philosophy courses and seeks to contribute to this debate by presenting a case study of the undergraduate course at the Philosophy Department of the University of São Paulo (DF/FFLCH/USP). With this in mind, the analysis starts from the presence of women in Brazilian higher education, goes through Philosophy courses in the country, and then presents data on the presence of men and women on courses at the Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences at the University of São Paulo (FFLCH/USP). The main objectives are to highlight the double exception of the case of Philosophy – it does not fit into the cases of humanities courses nor in the case of courses where women are in the minority – and the importance of case studies to understand the phenomenon of gender inequality in Philosophy.

Keywords: Philosophy; Women; Women in Philosophy; University of São Paulo.

Resumen: Este artículo se basa en estudios sobre la desigualdad de género en los cursos de Filosofía y pretende contribuir a ese debate presentando un estudio de caso del programa de grado de la Facultad de Filosofía de la Universidad de São Paulo (DF/FFLCH/USP). Para ello, el análisis parte de la presencia de las mujeres en la enseñanza superior brasileña, recorre los cursos de Filosofía en el país y presenta datos sobre la presencia de hombres y mujeres en los cursos de la Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas de la Universidad de São Paulo (FFLCH/USP). Los principales objetivos son destacar la doble excepción de la Filosofía – no se encuadra en los cursos de humanidades ni en el caso de los cursos en los que las mujeres son minoría – y la importancia de los estudios de caso para comprender el fenómeno de la desigualdad de género en Filosofía.

Palabras clave: Filosofía; Mujeres; Mujeres en la Filosofía; Universidad de São Paulo.

1 Mestranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: luizagarcia@usp.br.

2 Mestranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: kelideassumpcao@usp.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil - (CAPES) - Código de Financiamento 001.

3 Graduanda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: paulabelchior@usp.br.

4 Graduando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: nicolas.alessander@usp.br.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 10/06/2024

Aceito em 03/04/2025

1 Introdução

Atualmente, as mulheres compõem a maioria dos estudantes de ensino superior no Brasil. Entretanto, a presença de homens e mulheres nas áreas de conhecimento dos cursos superiores apresenta disparidade: elas são maioria em áreas como Humanidades, Serviços e Cuidados, mas são minoria em áreas como Engenharia, Agricultura e Tecnologia da Informação. Somado a isso, seja em cursos que mulheres são maioria ou os que são minoria, elas enfrentam mais desafios e barreiras do que os homens, seja no ingresso, seja na permanência ao longo da carreira acadêmica. Vale ressaltar que isso não se deve à improdutividade, mas por sistemas cuja presença de mulheres não é valorizada.

Contudo, e aqui entra a questão central do artigo, a Filosofia é um caso excepcional: apesar de estar inserida no campo das humanidades, as mulheres são minoria nos cursos de Filosofia e enfrentam dificuldades na progressão acadêmica. Diante desse cenário, pesquisas sobre essa desigualdade e grupos de apoio às mulheres na Filosofia têm ganhado espaço, possibilitando a discussão do problema, sempre visando a propostas que possibilitem a mudança dessa realidade. O primeiro passo que responde a essas demandas e que fornece evidências a essa questão deve ser evidenciar a existência e as características desse fenômeno, seja em recortes gerais — por exemplo, a realidade brasileira — ou em recortes específicos — por exemplo, a realidade de determinados Departamentos de Filosofia brasileiros. Nesse contexto, o Projeto Contando Mulheres propõe investigar quantitativamente e qualitativamente a realidade do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, para, a partir disso, questionar as causas desse fenômeno e formular propostas que possibilitem o enfrentamento do problema.

O presente artigo resulta em analisarmos inicialmente a distribuição de mulheres na graduação em diversas áreas de conhecimento, seguido pela presença na pós-graduação e na carreira docente. Em seguida, focaremos na presença de mulheres na carreira de Filosofia, analisando com maior profundidade o caso do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), comparando a sua realidade com as dos outros cursos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Por fim, apresentaremos com maior profundidade o Projeto Contando Mulheres.

2 Mulheres na universidade

A presença desigual de mulheres nas áreas de conhecimento é um fenômeno complexo, com diversas facetas a depender do recorte realizado. A baixa presença de mulheres na Filosofia acaba por ser invisibilizada em análises amplas, pois esse caso é uma exceção dos dois grupos



geralmente analisados: as humanidades e as áreas STEM. Dessa forma, a desigualdade de gênero na Filosofia muitas vezes não chega a ser constatada e reconhecida.

Partindo do cenário geral, no Brasil, 19,4 % das mulheres com mais de 25 anos possuem ensino superior completo; já entre os homens com mais de 25 anos, essa proporção cai para 15,1 % (IBGE, 2021). As mulheres também são maioria na população matriculada no ensino superior: dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep) mostram que as mulheres representam 57,2 % dos discentes matriculados na graduação e foram 59,1 % dos concluintes no ano de 2022 (BRASIL, 2024). Entretanto, apesar de maioria geral, a presença de mulheres no corpo discente é extremamente desproporcional nas áreas de conhecimento. Segundo o Informativo Demográfico e Socioeconômico do IBGE de 2021, as cinco áreas com maior presença de mulheres são: Bem-Estar (área em que as mulheres representam 88,3 % dos estudantes), Serviços Pessoais (77,9 %), Saúde (73,2 %), Ciências Sociais e Comportamentais (70,4 %) e Veterinária (68,5 %). Já as cinco áreas com menor presença de mulheres são: Arquitetura e Construção (área na qual as mulheres representam 43,8 % dos estudantes), Produção e Processamento (40,9 %), Agricultura (36,7 %), Engenharia e profissões correlatas (21,6 %) e Computação e Tecnologias de Informação e Comunicação (13,3 %). As proporções podem ser observadas na figura 1.

Figura 1 – Proporção de mulheres entre os matriculados em cursos de graduação presencial, segundo áreas selecionadas (%).



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatística de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2ª Edição. In: Informativo Demográfico Socioeconômico, nº 38. 2021.



Essa distribuição desigual muitas vezes é explicada a partir da concepção simplista de que existem “áreas femininas” e “áreas masculinas”. Mas o que está por trás dessa concepção? A baixa presença de mulheres em determinada área significaria apenas a falta de interesse por parte delas? Seria consequência da identificação ou facilidade das mulheres em certas áreas? O conceito de *divisão sexual do trabalho* pode ajudar a compreender esse fenômeno com maior profundidade:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente tem como característica a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares). [...] Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio da separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). (Hirata; Kergoat, 2007, p. 599)

O conceito parte da divisão entre esfera produtiva (a esfera dos trabalhos remunerados) e esfera reprodutiva (a esfera do doméstico e dos cuidados), com uma abordagem crítica: o trabalho reprodutivo é considerado um trabalho, mesmo que invisibilizado e não remunerado. A divisão sexual do trabalho opera ao destinar o trabalho reprodutivo exclusivamente para mulheres e o trabalho produtivo exclusivamente para os homens. Após mudanças nas configurações do mundo do trabalho, com a entrada em maior volume de mulheres no mercado de trabalho, a divisão sexual do trabalho tem reflexos nas escolhas de áreas de atuação: as mulheres se concentram em “profissões ligadas ao cuidado, relações humanas e, de alguma forma, com o universo das emoções (reprodução)” (Ricoldi; Artes, 2016, p. 153) e os homens em “áreas das exatas, ligadas ao raciocínio lógico, à produção econômica, extremamente competitivas (produção)” (*Idem*). Além disso, outra consequência desta divisão é a subvalorização, tanto social quanto monetariamente, de áreas profissionais em que mulheres predominam. Ou seja, a distribuição desigual de mulheres entre as áreas de conhecimento ainda é reflexo da mesma divisão sexual do trabalho que ditava — e ainda dita — as mulheres como naturalmente responsáveis pela esfera reprodutiva e doméstica e os homens como naturalmente responsáveis pelo trabalho produtivo remunerado. Esse fenômeno tem suas raízes em um sistema hierárquico de gênero e é um dos fatores que contribuem para a sobrevivência de tal sistema.

O fenômeno da divisão sexual das áreas do conhecimento vem sendo cada vez mais debatido e combatido. As áreas STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematic*, ou Ciência, Tecnologia, Engenharias e Matemática, em tradução livre), por exemplo, foram identificadas como um caso extremo de desigualdade de gênero no ensino superior e, por isso, passaram a receber uma maior atenção. Um exemplo de ação a esse respeito é o Projeto de Lei 840/2021, que incentiva a



participação de mulheres em áreas de exatas:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, que “dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo”, para dispor sobre estímulo à participação feminina nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia, matemática, química, física e tecnologia da informação e mitigação de barreiras contra mulheres nessas áreas, bem como para prorrogar o prazo máximo para conclusão de cursos e programas de educação superior nos casos de maternidade e de adoção. (Brasil, 2021)

Contudo, as questões que envolvem desigualdade de gênero no ensino superior não estão apenas no ingresso, mas também na permanência ao longo do curso e na carreira acadêmica. Nesse ponto, os obstáculos que as mulheres enfrentam não são exclusivos de cursos em que elas são minoria. Segundo dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), das 184.728 bolsas outorgadas entre 2010 e 2021, apenas 35,3 % foram para mulheres (Andrade, 2023); em contraste, entre 2014 e 2017, 72 % dos artigos científicos publicados no Brasil foram assinados por pesquisadoras (Tokarnia, 2019). Isso demonstra que “as mulheres, embora sejam maioria nas instituições de ensino e pesquisa e publiquem papers tanto quanto os homens, ainda enfrentam muitas dificuldades para alcançar os níveis de maior prestígio da hierarquia científica no país” (Oliveira, 2022, p. 43). Essa dificuldade também pode ser observada na desigualdade de gênero nos níveis de docência: de acordo com dados de 2022 do Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa (GEMAA) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), as mulheres representam 42 % do corpo docente nos Programas de Pós-Graduação brasileiros. Entretanto, ao distribuir esses dados entre as áreas de conhecimento, é possível observar que a proporção de mulheres é igual ou superior à de homens em apenas 34 % dessas áreas. Novamente é possível encontrar uma divisão entre áreas de cuidado e humanidades, com maior presença de mulheres, e as áreas STEM com menor presença.

Mas, e a Filosofia? Onde ela se encontra nessa divisão? Ao analisar a tabela do IBGE (Imagem I), pode-se chegar à conclusão, por eliminação, de que o curso de Filosofia faria parte da área denominada “Ciências Sociais e Comportamentais”, na qual 70,4 % dos estudantes são mulheres. Ao abordarmos os índices de docentes mulheres, poderia-se chegar à conclusão de que a Filosofia acompanha a tendência da área de humanidades, com uma maior presença de mulheres. Entretanto, a pesquisa do GEMAA aponta que as mulheres são apenas 20% do corpo docente no Brasil, o 9º curso com menor presença de mulheres.

O caso da Filosofia, dessa forma, acaba por ser invisibilizado em análises amplas, pois ele se apresenta como uma dupla exceção: não se encaixa na tendência de alta presença de mulheres na área das humanidades; não é contemplado nas análises das áreas STEM, que apresentam baixa



presença de mulheres. Isso contribui para que medidas de incentivo às mulheres e à sua inserção no campo científico, essenciais para mudar a desigualdade de gênero, não contemplem a área, pois muitas vezes a questão da desigualdade de gênero na Filosofia não chega a ser reconhecida. Por isso, é necessário desenvolver pesquisas com recortes mais específicos, seja sobre a realidade brasileira ou sobre a realidade particular dos Departamentos, evidenciando a especificidade do curso, pois essa é uma ferramenta fundamental na luta contra essa invisibilidade em análises abrangentes. Por isso, a seguir será abordado o fenômeno da desigualdade de gênero na carreira de Filosofia brasileira.

3 Mulheres na filosofia

O fenômeno da desigualdade de gênero na Filosofia é mundial, mas passou a ser debatido com maior veemência nas últimas décadas, com pesquisas empíricas e teóricas. No Brasil, contamos com algumas pesquisas (Araújo, 2016; 2019; 2020) que começaram a mapear o fenômeno. Antes da produção e divulgação desses dados, era difícil analisar e construir hipóteses das causas e consequências desse fenômeno. Atualmente, a dificuldade persiste, mas foi possível aferir que não há correlação entre a proporção de mulheres presentes no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) e sua localização ou sua nota de avaliação da CAPES (*Id*, 2019). Neste artigo, buscamos por análises a partir dessa conclusão.

No país, a desigualdade de gênero na Filosofia está presente na discência e na docência, mas a questão passou a ter mais visibilidade a partir de 2016, quando ocorreu a chamada “Primavera de 2016”, sendo o XVII Encontro Nacional da ANPOF um evento chave: nele, se reuniu pela primeira vez o Grupo de Trabalho de Filosofia e Gênero e ocorreu o ciclo de debate “Filosofia no Brasil e Gênero”. Outro grande marco foi a publicação das pesquisas “Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil” (*Id*, 2016) e “Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017” (*Id*, 2019), ambas realizadas pela professora Carolina Araújo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A partir desse estopim, houve um “[...] consistente aumento no número de eventos acadêmicos de ampla divulgação que relacionam filosofia e mulheres nos anos de 2018 e 2019 [...]. Também nesses dois anos se registra um aumento no número de menções à questão da relação entre filosofia e mulheres no sítio web da ANPOF [...]” (*Id*, 2020, p. 140). Nesse período, também foi criada a “Rede Brasileira de Mulheres Filósofas”⁵, em 2019, que tem como objetivo divulgar projetos, eventos e publicações sobre filosofia e mulheres, incentivando a troca de reflexões acerca do tema. A Rede, em parceria com a ANPOF,

5 Para mais informações sobre a Rede (Ramos *et al.*, 2023).



criou o “Prêmio Filósofas de Distinção Acadêmica em Mestrado e Doutorado”, com o objetivo de premiar teses e dissertações escritas por filósofas. Mais recentemente, em 2024, foi lançado o “Grupo de Trabalho de Raça, Gênero e Classe”, o que mostra que essa discussão está cada vez mais presente na comunidade filosófica brasileira, se tornando mais aprofundada e disseminada, um avanço contra a invisibilidade da desigualdade de gênero na Filosofia.

As pesquisas da Professora Carolina Araújo possibilitaram o delineamento desse fenômeno no Brasil: de acordo com dados coletados entre 2004 e 2017 (*Id*, 2019), as mulheres eram, em média, 36,4 % dos estudantes na graduação. Conforme o avanço na carreira acadêmica, a proporção de mulheres diminui: no mestrado, elas eram, em média, 30,6 % dos ingressantes; no doutorado, eram 26,9 %; e, na docência, elas representavam apenas 20,1 % dos docentes permanentes em Programas de Pós-Graduação. Por fim, a partir das médias expostas, é possível constatar que “[...] em média, os homens têm chances 2,3 vezes maior do que as mulheres, ou ainda, que as mulheres tiveram 43,6 % da chance de sucesso dos homens. Os homens tiveram ao longo dos 14 anos mais do que o dobro da oportunidade das mulheres.” (*Idem*, p. 27).

Em sua pesquisa, a professora não encontrou relação entre a qualidade — a partir da nota de avaliação da CAPES —, a localização geográfica dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e a proporção da presença de mulheres (*Idem*). Desta forma, sua conclusão foi de que: “[...] são os PPGs os mais importantes agentes na produção da igualdade e da desigualdade de gênero na carreira acadêmica em Filosofia [...]” (*Idem*, p. 30). De fato, ao analisar as proporções de mulheres docentes em 44 PPGFs brasileiros, em 2015, encontram-se realidades bastante distintas (*Id*, 2016): 26 PPGFs tinham menos de 21 %⁶ de mulheres no corpo docente permanente, sendo que, em 10 destes, elas eram menos de 10 %. Além disso, destes PPGFs, em 3 deles o corpo docente era composto 100 % por homens. Os outros 18 PPGFs tinham proporções de docentes mulheres acima da média, mas apenas 2 destes apresentavam uma presença maior que 50%.

Sendo assim, se as realidades particulares dos PPGFs influenciam na produção de igualdade ou desigualdade de gênero, um caminho possível é se dedicar a entender os contextos específicos dos Departamentos de Filosofia brasileiros, para então discutir e propor ações que digam respeito a cada uma dessas realidades. Por isso, a seguir, será apresentada uma análise sobre o ingresso na graduação de Filosofia da USP, usando os outros cursos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) como comparativo.

⁶ A média brasileira de mulheres docentes em filosofia, anteriormente apresentada.

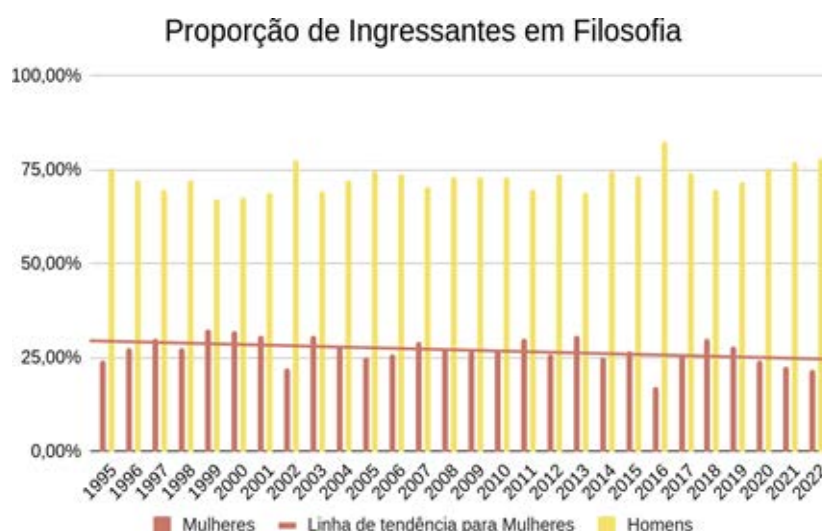


4 Mulheres na filosofia da usp e outros cursos

Diante desse cenário de desigualdade, o Projeto Contando Mulheres foi criado em 2019 por integrantes do Programa de Ensino Tutorial da Filosofia (PET-Filosofia/USP). Ele visa investigar a presença de mulheres no Departamento de Filosofia da USP em duas etapas metodológicas: a primeira consiste no levantamento de dados quantitativos e qualitativos, buscando delinear o perfil dos estudantes da Filosofia e os movimentos de ingresso, evasão, trancamento e mobilidade acadêmica dos cursos da FFLCH; na segunda etapa, serão realizadas entrevistas com professoras, alunas e ex-alunas do Departamento, com a finalidade de contar suas histórias da vida acadêmica e profissional.

Mediante a coleta de dados referente a primeira etapa, os gráficos a seguir representam o ingresso de homens e mulheres⁷ na graduação em Filosofia na USP:

Figura 2 – Proporção de ingressantes no curso de Filosofia na USP, distribuídos por gênero.



Fonte: Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST). Questionário de Avaliação Socioeconômica: Candidatos matriculados após a última chamada - Relatório por curso que foi matriculado. (1995 - 2022).
Elaboração Projeto Contando Mulheres.

⁷ O Questionário de Avaliação Socioeconômica, realizado pela FUVEST, utiliza os termos “masculino” e “feminino” para caracterizar essas populações. Essas duas opções de resposta limitam o resultado e não representam a pluralidade de gênero presente nessa população. Apesar de não considerarmos adequado concluir que as populações femininas e masculinas são compostas exclusivamente por mulheres e homens, respectivamente, optamos por continuar utilizando os termos “homens” e “mulheres”, utilizados ao longo do artigo, para descrever essas populações.



Figura 3 – Ingressantes no curso de Filosofia na USP, distribuído por gênero.



Fonte: *Idem*. Elaboração Projeto Contando Mulheres.

A presença de estudantes mulheres neste curso é constantemente baixa: em média, 27,1 % dos ingressantes em Filosofia são mulheres. Analisando as proporções ao longo dos anos, a flutuação total é de 15,4 pontos percentuais, sendo 9,8 pontos abaixo da média e 5,5 pontos acima. Isso significa que há mais pontos ou pontos mais distantes abaixo da média do que acima. Também é importante destacar que a linha de tendência do ingresso de mulheres é decrescente.

Analisando o segundo gráfico, é possível perceber que a flutuação de ingressantes mulheres não acompanha a flutuação de vagas ofertadas. Um caso expressivo é o ano de 2002, quando houve o maior número de vagas ofertadas (179 vagas), mas apenas 40 mulheres ingressantes (22,3 %); isso também pode ser observado no cenário oposto, em 1999, quando houve o maior ingresso de mulheres, 56 novas alunas (32 %), sendo o número total de ingressantes 171⁸. Em relação à variação, o coeficiente de variação de estudantes mulheres é de 20,7 % e de estudantes homens é de 13,4 %. Ou seja, o número de homens que entra a cada ano no curso varia menos do que o número de mulheres em relação às médias de cada grupo.

Pode-se formular a hipótese de que o número constantemente baixo de mulheres ingressantes na Filosofia na USP é resultado de um possível baixo interesse de mulheres pelo curso. Para confirmar essa hipótese, comparou-se à porcentagem de mulheres inscritas na carreira de Filosofia na prova da Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) e a porcentagem de mulheres matriculadas no curso. O intuito dessa comparação foi investigar se a proporção de mulheres que demonstraram interesse pela área — ou seja, que se inscreveram para tal carreira no

⁸ A redução do número de ingressantes a partir de 2017 se deve a adoção do Sistema de Seleção Unificada (SISU) como forma de ingresso na USP. Os dados do Questionário de Avaliação Socioeconômica da FUVEST não contabilizam os dados dessa forma de ingresso.



vestibular — é semelhante à proporção de mulheres que efetivamente se matricularam no curso. Os dados podem ser conferidos na figura 4.

Figura 4 – Proporção de inscritas no vestibular e matriculadas no curso de graduação em Filosofia, distribuído por gênero.



Fonte: FUVES. Questionário de Avaliação Socioeconômica: Candidatos matriculados após a última chamada - Relatório por curso que foi matriculado. (1995 - 2022) e Questionário de Avaliação Socioeconômica: Candidatos inscritos no exame - Relatório por Carreira na qual o Candidato se Inscreveu (1995 - 2022). Elaboração Projeto Contando Mulheres.

Entre os vestibulandos, as mulheres são, em média, 36,1 % do grupo; ou seja, há uma diferença de quase 10 pontos percentuais entre a proporção de interessadas no curso e a proporção de matriculadas. Ou, dito de outro modo, o grupo de mulheres matriculadas é, em média, 23,7 % menor do que o grupo de mulheres inscritas na FUVES para o curso de Filosofia na USP. As causas dessa diferença podem ser diversas: a vestibulanda ingressou em um curso de Filosofia, mas em outra universidade; se matriculou em outro curso; não passou da primeira ou segunda fase da FUVES etc. Sejam quais forem as causas, o fato que pode ser observado é que o interesse inicial de mulheres e homens pelo curso de graduação em Filosofia na USP é menos desigual do que a proporção daqueles matriculados no curso.

Outro ponto importante a ser investigado é se a proporção desigual de gênero é um fenômeno restrito ao curso de Filosofia. Na figura 5, podem ser observadas as proporções de ingressantes homens e mulheres na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).



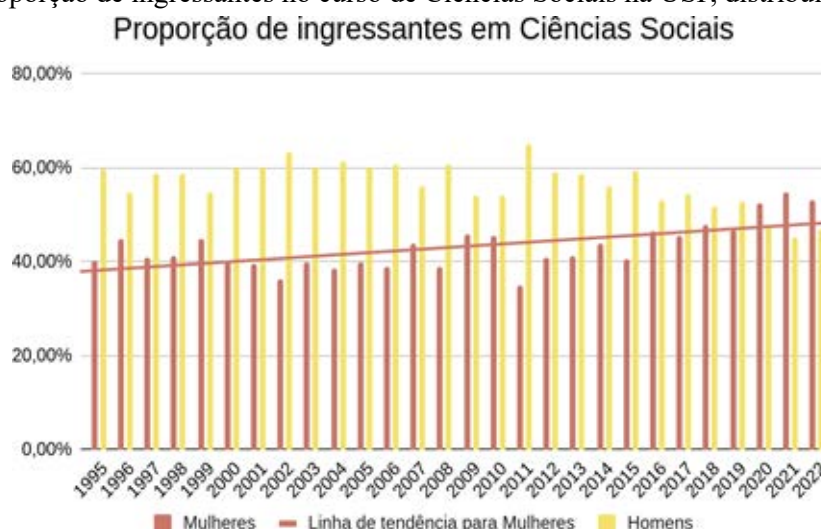
Figura 5 – Proporção de ingressantes nas graduações da FFLCH, distribuído por gênero.



Fonte: FUVEST. Questionário de Avaliação Socioeconômica: Candidatos matriculados após a última chamada - Relatório por curso que foi matriculado. (1995 - 2022). Elaboração Projeto Contando Mulheres.

Na Faculdade, encontram-se proporções sem disparidades: em média, as mulheres são 49,7% dos ingressantes. A flutuação total, ao longo dos anos, é de 6,4 pontos percentuais, sendo 3,4 pontos abaixo da média e 2,9 pontos acima. A linha de tendência do ingresso de mulheres é estável, próxima aos 50 %. Em relação a variação, o coeficiente de variação de mulheres é de 13,6 % e de homens é de 13,9 %. Ou seja, a variação dos dados de cada grupo é bastante semelhante. A partir dessa análise, pode-se concluir que há igualdade de gênero em relação aos ingressantes da FFLCH. Porém, para compreender o caso particular do curso de Filosofia, é necessário aprofundar a análise e olhar para as proporções específicas de cada curso da Faculdade.

Figura 6 – Proporção de ingressantes no curso de Ciências Sociais na USP, distribuídos por gênero.

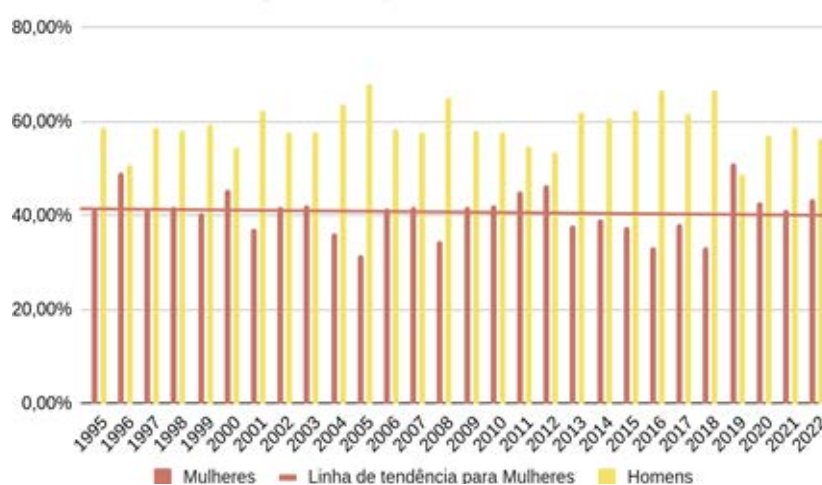


Fonte: *Idem*. Elaboração Projeto Contando Mulheres.



No curso de Ciências Sociais, as mulheres representam, em média, 42,6 % dos ingressantes. A flutuação total, ao longo dos anos, é de 19,8 pontos percentuais, sendo 7,7 pontos abaixo da média e 12,1 pontos acima. Isso significa que há mais pontos ou pontos mais distantes acima da média do que abaixo. A linha de tendência do ingresso de mulheres é crescente e pode-se observar a inversão das proporções a partir de 2020, quando passam a entrar mais mulheres do que homens no curso. Em relação a variação, o coeficiente de variação de mulheres é de 9,2 % e de homens é de 20,5 %. Ou seja, o número de homens que entra a cada ano no curso varia mais do que o número de mulheres, em relação às médias de cada grupo.

Figura 7 – Proporção de ingressantes no curso de História na USP, distribuído por gênero.
Proporção de ingressantes em História

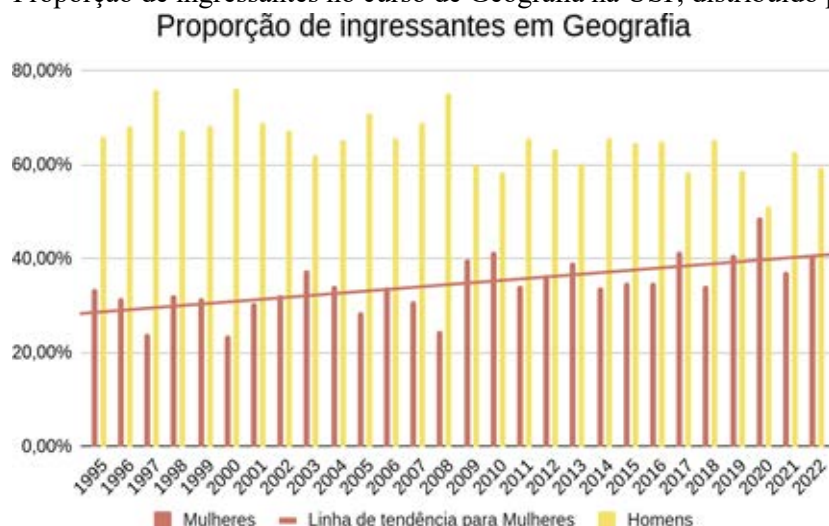


Fonte: *Idem*. Elaboração Projeto Contando Mulheres.

No curso de História, as mulheres representam, em média, 40,7 % dos ingressantes. A flutuação total é de 19,2 pontos percentuais, sendo 8,9 pontos abaixo da média e 10,2 pontos acima. Embora sejam dados parecidos com o caso das Ciências Sociais, pode-se perceber pelo gráfico que o caso não é o mesmo, principalmente ao observar a linha de tendência do ingresso de mulheres, que é levemente decrescente no caso da História. E, mesmo com a inversão de proporções no ano de 2019, quando entraram mais mulheres do que homens no curso, esse fenômeno não se manteve nos anos posteriores. O coeficiente de variação de mulheres é de 17,8 % e o de homens é de 15,3 %, o que demonstra que o número de ingressantes homens e mulheres varia de forma semelhante ao longo dos anos.



Figura 8 – Proporção de ingressantes no curso de Geografia na USP, distribuído por gênero.



Fonte: *Idem*. Elaboração Projeto Contando Mulheres.

No curso de Geografia, as mulheres representam, em média, 34,6 % dos ingressantes. A flutuação total é de 24,9 pontos percentuais ao longo dos anos (a maior entre os 5 cursos), sendo 10,9 pontos abaixo da média e 14,1 pontos acima. Embora a linha de tendência do ingresso de mulheres seja expressivamente crescente, não há casos em que a proporção de ingressantes mulheres ultrapassou a proporção de ingressantes homens (em 2020, elas chegam a ser 48,7 % dos ingressantes). O coeficiente de variação de mulheres é de 21,3 % e de homens é de 18,3 % em relação às respectivas médias. Embora seja o maior coeficiente de variação de mulheres, o coeficiente de variação de homens também é alto, e, por isso, ao observar o gráfico, não é possível perceber nenhuma tendência expressiva para nenhum dos dois grupos.

Figura 9 – Proporção de ingressantes no curso de Letras na USP, distribuído por gênero.



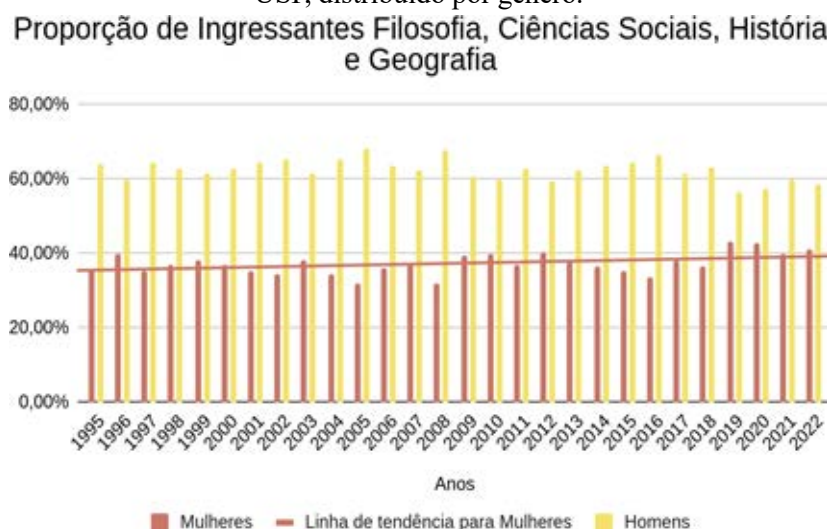
Fonte: *Idem*. Elaboração Projeto Contando Mulheres.



O caso do curso de Letras é bastante distinto dos outros cursos: as mulheres são constantemente a maioria dos ingressantes (em média, 61,8 %) e a flutuação total ao longo dos anos é a mais baixa, 11,1 pontos percentuais, sendo 6,4 pontos abaixo da média e 4,7 pontos acima. Apesar da linha de tendência do ingresso de mulheres ser decrescente, não é possível observar uma tendência de inversão das proporções de ingressantes. Isso pode ser conferido nos coeficientes de variação, que são 15,2 % para as mulheres e 12,2 % para os homens.

Após observar esses dados, é possível perceber que a igualdade de gênero observada no quadro geral do ingresso na FFLCH não se reflete nas realidades particulares de cada curso. Essa realidade, que permanece “escondida” nos dados gerais da Faculdade, pode ser observada no gráfico abaixo, que apresenta as proporções de ingressantes homens e mulheres sem os dados do curso de Letras, pois ele destoa da realidade dos outros quatro cursos da Faculdade (figura 10).

Figura 10 – Proporção de ingressantes nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, História e Geografia na USP, distribuído por gênero.



Fonte: *Idem*. Elaboração Projeto Contando Mulheres.

Sem o caso do curso de Letras, a média de mulheres ingressantes na FFLCH cai para 37,3%, dado que destoa da realidade brasileira analisada anteriormente, tanto a proporção de mulheres matriculadas na universidade, que é 57,2 %, quanto a proporção de mulheres na área de Ciências Sociais e Comportamentais, que é 70,4 %. Portanto, a afirmação de que os cursos de humanidades apresentam igualdade de gênero no corpo discente não é verdade para a maioria dos cursos da FFLCH. E, mesmo nesse contexto, o curso de Filosofia continua sendo o caso com maior desigualdade: além de ser o curso com o menor índice de ingressantes mulheres, ele também tem a menor flutuação da porcentagem (15,4 pontos percentuais) e uma linha de tendência decrescente. Ou seja, o curso de Filosofia é, de fato, aquele com a menor presença de estudantes mulheres na



FFLCH e a tendência é que continue sendo.

Diante dessa realidade, o Projeto Contando Mulheres se propõe a continuar monitorando esses dados, a ampliar a coleta de dados para os dados sobre movimentações discentes — evasão, trancamento de curso e conclusão de curso, por exemplo — também para dados sobre o ingresso e movimentação discente na Pós-Graduação em Filosofia. Para além da questão de gênero, é imprescindível que esses dados sejam cruzados com os recortes de raça e classe, tarefa que foi impossibilitada pela falta de dados disponibilizados pela Universidade e pela FUVEST⁹. Mas é uma tarefa de extrema importância, como mostram os dados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) de 2014: no Brasil, neste ano, os estudantes negros representavam 9,4 % nos cursos de bacharelado em Filosofia e 12,5 % nos cursos de licenciatura (Ramos et al., 2023). Diante da indisponibilidade de dados específicos sobre a realidade do Departamento de Filosofia da USP, o Projeto está se organizando para produzir os próprios dados sobre os ingressantes do curso de Filosofia, possibilitando que essa análise seja aprofundada.

O objetivo geral do projeto é abordar hipóteses sobre as causas da desigualdade de gênero no curso de Filosofia no Brasil e na USP — e esse trabalho poderá ajudar a compreender não apenas a realidade deste curso, como também dos outros nos quais as mulheres são minorias e que foram abordados neste artigo. Essa discussão pode seguir a partir de diversas questões: primeiramente, por que poucas mulheres ingressam no curso de Filosofia? E, após o ingresso, como é a experiência dessas mulheres? Essa experiência as incentiva a continuar no curso e na carreira acadêmica? Ou, em outras palavras, por que as mulheres evadem do curso de Filosofia? Além disso, por outro lado, como é a experiência dos homens no curso? Qual é a influência da raça, etnia ou classe social desses alunos em suas experiências no curso e no sentimento de que pertencem àquele espaço? Não são questões fáceis de serem respondidas, mas de forma alguma são questões de pouca importância. Pelo contrário, elas são movimentos necessários para reconhecer essas questões que por muito tempo foram invisibilizadas: não apenas a baixa presença de mulheres no curso, mas suas experiências e dificuldades enfrentadas.

Reconhecer e compreender essas questões contribui para que as desigualdades sejam combatidas. Algumas mudanças já foram postas em prática: o edital de 2024 de seleção para o Programa de Pós-Graduação em Filosofia/FFLCH previu “um acréscimo de nota para candidatos mulheres e pessoas trans” (Universidade de São Paulo, 2023, seção 1.9) como forma de incentivar o ingresso de mulheres e pessoas trans no PPGF da USP. Já o Projeto Contando Mulheres, em

9 No Questionário de Avaliação Socioeconômica da FUVEST, há os dados em relação à gênero, raça e a avaliação socioeconômica dos ingressantes. Porém, a partir dos documentos divulgados, é impossível que esses dados sejam cruzados, isto é, saber, por exemplo, quantas mulheres negras compõem o curso, ou quantas mulheres de baixa renda.



março de 2024, realizou uma mesa de apresentação na calourada do curso de Filosofia da USP, apresentando os dados coletados, seguida de uma roda de conversa sobre a presença de mulheres na Filosofia. Esses passos vão em direção a mudanças profundas e cotidianas nos cursos de Filosofia, e são consequência dos esforços, ao longo da última década, de chamar a atenção para essa questão no Brasil.

5 Conclusão

Frente aos dados expostos, observamos que, apesar das mulheres serem predominantes em muitas áreas do ensino superior em âmbito nacional, representando 57,2 % dos discentes matriculados, há uma tendência de concentração em áreas relacionadas a Serviços Pessoais, Humanidades e Saúde, enquanto há sub-representação em áreas como Engenharia, Computação e Tecnologia — fatos que reforçam a predominância de estereótipos de gênero na escolha e permanência em determinadas carreiras. Todavia, o curso de Filosofia possui dados divergentes dos de outros cursos de Humanidades. Frente a essa problemática, o projeto Contando Mulheres reuniu dados referentes à presença de homens e mulheres nos cursos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no período de 1995 a 2022. Os dados levantados revelam que as mulheres são maioria na Faculdade; 49,7 % dos ingressantes na FFLCH; entretanto, as realidades dos cursos diferem entre si: nas Ciências Sociais, as mulheres representam, em média, 42,6 % dos ingressantes; na História, elas representam 40,7 %; na Geografia, representam 34,6 %; e na Letras, representam 61,8 %. O curso de Filosofia, nesse contexto, apresenta um caso extremo dessa disparidade: em média, as mulheres 27,1 % dos ingressantes. Portanto, a desigualdade de gênero no curso de Filosofia da USP precisa ser discutida e combatida, pois além de ter os menores índices de mulheres, os índices são constantemente baixos e sem perspectiva de inversão.

Diante dessa tarefa, se faz necessário explorar as possíveis razões históricas e sociais da desigualdade de gênero no curso, podendo oferecer perspectivas úteis não só para essa área, mas buscando aumentar a consciência sobre os desafios enfrentados por mulheres na academia. Refletir sobre este fenômeno para além das explicações a partir do desinteresse ou falta de habilidade de homens e mulheres para certas áreas, entendendo-o como uma das expressões da desigualdade de gênero. Para além do porquê, também vale perguntar: quem são essas mulheres que compõem o curso de Filosofia da USP? Por que elas decidiram entrar no curso? Como é a experiência delas ao longo da graduação ou carreira acadêmica? Por que muitas delas evadem? Essas são perguntas que ganharam espaço há menos de dez anos e já resultaram na criação de GTs sobre gênero, no aumento de eventos sobre a temática e divulgação de dados sobre essa realidade.



Projetos e pesquisas que se guiem por essas questões, levantem hipóteses e busquem testá-las são essenciais para o enfrentamento da questão. Compreendendo as especificidades de cada Universidade, Faculdade ou Departamento, é possível propor iniciativas que sejam efetivas para cada realidade. Por isso, o projeto Contando Mulheres se propõe a analisar profundamente a realidade do Departamento de Filosofia da USP, para investigar as causas desse fenômeno que foi invisibilizado por tanto tempo.

Referências

- ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Desequilíbrio no sistema: desigualdade entre homens e mulheres marca a distribuição de bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq. *Revista Pesquisa - FAPESP*. São Paulo, edição 311, jan 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/desequilibrio-no-sistema>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 13 - 33, jan/jun 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v24i1p13-33>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- ARAÚJO, Carolina. Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil - 2015. São Paulo: ANPOF, 2016. Disponível em: <https://anpof.org.br/forum/mulheres-na-pos-graduacao-em-filosofia-no-brasil/mulheres-na-pos-graduacao-em-filosofia-no-brasil>. Acesso em: 09 abr. 2024.
- ARAÚJO, Carolina. A primavera de 2016. *Revista Ideação*, [s.l.], v. 1, n. 42, p. 126 - 140, jul/dez, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/ideac.v1i42.5488>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- BRASIL. Senado Federal. *Projeto de Lei 840 de 11 de março de 2021*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004. Brasília: Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2273620#:~:text=840%2F2021%2C%20pelo%20Senado%20Federal,para%20dispor%20sobre%20est%C3%ADmulo%20%C3%A0>. Acesso em: 02 maio 2024.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, [s.l.], v. 37, n.132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2023.
- LIMONGI, Maria Isabel. A Filosofia e Desigualdade de Gênero. *Coluna ANPOF*, 2016. Disponível em: <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/a-filosofia-e-a-desigualdade-de-genero>. Acesso em: 21 abr. 2023.
- OLIVEIRA, Amurabi; MELO, Marina Félix de; RODRIGUES, Quemuel Buarque de; PEQUENO, Mayares. Gênero e desigualdade na academia



brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq, *Configurações*, [s.l.], v. 27, p. 75-93, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.11979>. Acesso em: 02 maio 2024.

RAMOS, Silvana de Souza; MARQUES, Beatriz Sorrentino; ARAÚJO, Carolina; AGGIO, Juliana Ortega. A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e a desigualdade de gênero na área de Filosofia. *Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade*, [s.l.], v. 10, n. 23, p. 37-47, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55028/pdres.v10i23.17312>. Acesso em: 02 maio 2024.

RICOLDI, Arlene; ARTES, Amélia. Mulheres no Ensino Superior Brasileiro: espaço garantido e novos desafios. *ex æquo*, [s.l.], n. 33, 2016, p. 149- 161. Disponível em: https://exaequo.apem-estudos.org/files/2016-07/10_MULHERES_NO_ENSINO_SUPERIOR_BRASILEIRO.pdf. Acesso em: 02 maio 2024.

TOKARNIA, Mariana. Mulheres assinam 72% dos artigos científicos publicados pelo Brasil. *Agência Brasil*, Brasília, 23 de março de 2019. Educação. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/mulheres-assinam-72-dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil>. Acesso em: 09 abr. 2024.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). 2023. *Edital de Seleção para o Programa de Pós- Graduação em Filosofia – FFLCH – USP*. Disponível em: <https://filosofia.fflch.usp.br/processoseletivos/2024>. Acesso em: 14 maio 2024.

Fontes de Dados

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Superior 2021: Divulgação de Resultados*. Brasília, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2021/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2021.pdf. Acesso em: 06 mar. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2022*. Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 09 abr. 2024.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (FUVEST). *Questionário de Avaliação Socioeconômica: Candidatos matriculados após a última chamada - Relatório por curso que foi matriculado. (1995 - 2022)*. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://acervo.fuvest.br/?t=vestibular>. Acesso em: 24 maio 2024.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (FUVEST). *Questionário de Avaliação Socioeconômica: candidatos inscritos no exame - Relatório por Carreira na qual o Candidato se Inscreveu (1995 - 2022)*. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://acervo.fuvest.br/?t=vestibular>. Acesso em: 24 maio 2024.



INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS DE POLÍTICOS (IESP/UERJ). Mulheres na Ciência Brasileira. *Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa (GEMAA)*. 11 fev. 2022. Disponível em: <https://gema.iesp.uerj.br/infografico/mulheres-na-ciencia-brasileira/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatística de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2. ed. *Informativo Demográfico Socioeconômico*, n. 38, 2021. Disponível em: http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2021/03/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 09 abr. 2024.

Índice de Ilustrações

Fig. 1: Proporção de mulheres entre os matriculados em cursos de graduação presencial, segundo áreas selecionadas (%).

Fig. 2: Proporção de ingressantes no curso de Filosofia na USP, distribuídos por gênero.

Fig. 3: Ingressantes no curso de Filosofia na USP, distribuído por gênero.

Fig. 4: Gráfico 3: Proporção de inscritas no vestibular e matriculadas no curso de graduação em Filosofia, distribuído por gênero.

Fig. 5: Proporção de ingressantes da FFLCH, distribuído por gênero.

Fig. 6: Proporção de ingressantes no curso de Ciências Sociais na USP, distribuídos por gênero.

Fig. 7: Proporção de ingressantes no curso de História na USP, distribuído por gênero.

Fig. 8: Proporção de ingressantes no curso de Geografia na USP, distribuído por gênero.

Fig. 9: Proporção de ingressantes no curso de Letras na USP, distribuído por gênero.

Fig. 10: Proporção de ingressantes nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, História e Geografia na USP, distribuído por gênero.

